

Projeto de Ensino Enfermaria do Riso

Ana Achcar¹



Exercício do Cômico sala 200 /Escola de Teatro 2006, UNIRIO.

1. Apresentação

O projeto de ensino que aqui apresento se construiu a partir da necessidade de ordenação do conjunto de experiências de formação realizadas na Escola de Teatro da UNIRIO entre os anos de 2000 e 2009, no Programa de Extensão Enfermaria do Riso e que se constituíram na base da minha pesquisa de doutoramento² na qual proponho uma metodologia de capacitação para o palhaço de hospital. A proposta desta capacitação é iniciar, formar e especializar o estudante de Teatro da UNIRIO para atuar como palhaço nos serviços pediátricos de hospitais. Para o trabalho profissional, será necessário que o ator/palhaço, já formado, esteja inserido numa estrutura que possibilite atividades de treinamento contínuo das suas habilidades pessoais, técnicas e artísticas, e onde sua atuação no hospital possa ser avaliada constantemente.

O estudante que atua como enfermeiro-palhaço no Programa de Extensão Enfermaria do Riso segue, obrigatoriamente, um curso prático e um curso teórico, ao menos, por três semestres letivos e consecutivos. No curso prático, ele vivencia exercícios e jogos de improvisação que visam à aprendizagem dos princípios que regem a atuação do palhaço no hospital. No curso teórico o estudante realiza leitura e discussão de textos de apoio bibliográfico, trabalhando sobre o entendimento conceitual da atividade, produzindo relatórios acerca da sua experiência no hospital, contribuindo para a construção deste novo campo de saber. Cada curso, inserido na grade curricular

¹ Prof^a Dr^a da Escola de Teatro da UNIRIO e Coordenadora do Programa de Extensão Enfermaria do Riso.

² Palhaço de Hospital: Proposta Metodológica de Formação, tese de Doutorado em Teatro defendida no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UNIRIO, em 2007, com orientação da Prof^a Dr^a Ana Maria Bulhões

optativa dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Artes Cênicas da UNIRIO, tem carga horária de sessenta horas/aula, completando em três semestres, trezentos e sessenta horas/aula obrigatórias, de estudo prático e teórico antes de iniciar o estágio no hospital, que acontece no quarto período, em disciplina optativa de 60 horas semestrais.

Nesta última etapa da formação, a primeira atividade é a visita ao ambiente hospitalar, nos dias em que não há atuação dos palhaços, com o intuito de conhecer e se familiarizar com o espaço no qual os estudantes vão atuar, observando as diferenças em relação ao dia em que os palhaços estão em ação. Neste período eles também são apresentados às noções de higiene hospitalar e à equipe de Saúde que opera nas áreas de atuação, integrada por médicos, enfermeiras, psicólogos, residentes, chefes de setor (CTI pediátrico, Enfermaria e Ambulatório), e incluindo seguranças e pessoal da limpeza.

A formação totaliza 400 horas de curso sem contar as atividades complementares tais como, visitas de reconhecimento do ambiente hospitalar e visitas de observação ao trabalho dos palhaços no hospital. Consecutivamente a cada semestre, o estudante faz visitas para observar as atuações daqueles que já participam do Programa de Extensão Enfermaria do Riso no Hospital Universitário Gaffrée & Guinle (HUGG). Após cada observação, o estudante produz um trabalho escrito relacionando as atuações que observou no hospital com a experiência de formação que está seguindo naquele momento. Durante os quatro semestres também são programadas exposições de material audiovisual sobre o trabalho do palhaço em hospitais, os processos de criação de ações artísticas de palhaços, entre outros. O estudante tem acesso a documentários, espetáculos filmados, entrevistas e registros dessas atuações, participando depois de

discussão acerca das principais questões levantadas pelo material exibido.



Exercício
Círculo lento e rápido sala 200
Escola de Teatro,
UNIRIO,
2007.

2. O Projeto de Ensino

Os três períodos de curso prático propostos no projeto se organizam desta forma: o primeiro intitula-se *Jogo do Palhaço – O Lugar da Descoberta*. Nesta fase, inicialmente, ministram-se jogos de integração que ajudam na formação de um grupo forte e coeso capaz de sustentar as variações das experiências de iniciação que se sucederão. Gradualmente introduzem-se exercícios práticos e jogos de improvisação dirigida, em grupo, em dupla e individualmente, que, basicamente, ativam a percepção

do espaço, do outro e da noção de tempo como elementos do jogo. Adota-se o uso do objeto, da palavra e do gesto na perspectiva de um estudo rítmico da ação. Inicia-se o trabalho sobre o palhaço como um estado, incentivando a descoberta dessa natureza em cada um, articulando a criação de relações pessoais, intransferíveis e específicas com a realidade, afastando a idéia de que há um personagem palhaço a ser inventado. Afirma-se, através das proposições, a necessidade de trabalhar a comicidade sobre a sua própria estrutura física e emocional exercitando a sua memória e sua imaginação.

No segundo período, *Palhaço de Si Mesmo – A Afirmação do Risível* executam-se exercícios, principalmente em dupla e individualmente, que possibilitam a revelação e o desenvolvimento das habilidades particulares de cada um. Propõe-se a criação de um repertório próprio de ações que sustente sua visão do mundo, sua lógica. Experimentam-se objetos, adereços, roupas e maquiagem do palhaço na tentativa de afirmar uma identidade para ele. Introduce-se o trabalho sobre a formação da dupla: surgem *branco* e *augusto*, duas qualidades de atuação que se alternam segundo as exigências da situação em jogo. O palhaço é exercitado na perspectiva do jogo da máscara. Prossegue-se sobre a afirmação do palhaço como sujeito risível, incentivando os estudantes a desnudarem os aspectos ridículos e grotescos da sua máscara.

Palhaço de Hospital – A Regra da Transgressão intitula o terceiro período de formação, cujos exercícios procuram trabalhar, principalmente, as relações do palhaço com o seu público, neste caso, aquele que frequenta o hospital. A idéia de que o palhaço só existe quando há o outro que se interessa por ele é praticada através de exercícios de improvisação apresentados a uma platéia de convidados e, por meio de exercícios de simulação de ambientes. Incentivam-se os palhaços a criarem repertórios de ações com objetos do universo hospitalar, e a desenvolverem curtas entradas cênicas onde possam treinar suas habilidades como enfermeiro-palhaço. O que está em jogo é a sua capacidade de afetar esse seu público particular na sua possibilidade de transgressão. Provocar no outro, por meio da experiência do humor; potência. Dependendo do seu aproveitamento e seguindo as orientações para a entrada no hospital, o estudante inicia, no semestre seguinte, o seu estágio como enfermeiro-palhaço.



Exercício Batismo do Palhaço sala 602 / Escola de Teatro 2003, UNIRIO.

Os três módulos de curso teórico são intitulados *Seminários de Estudos Dirigidos*, onde se realizam leitura, discussão e reflexão de textos cujos conteúdos se afinam com os princípios que regem a experiência do palhaço em ambiente hospitalar. Distribuídos em três grandes áreas temáticas, *Criança*, *Saúde*, e *Palhaço*, estes estudos apóiam o estudante na elaboração de conceitos e nomações que o ajudam na

elucidação da sua própria prática. Os textos escolhidos não seguem especificamente um gênero literário. Podem ser obras completas de ficção ou históricas, textos filosóficos, da psicologia, até relatos escritos de experiências pessoais nesta área temática.

Acompanhando os seminários, há o que se chama *Supervisão Psicológica*, sessões de terapia em grupo, uma a cada semestre, com profissional responsável pelo apoio psicológico aos estudantes. Mesmo aqueles que ainda não atuam no hospital, mas que estão em vias de fazê-lo, freqüentam esses encontros como ouvintes. Para aqueles que já estão estagiando como enfermeiros-palhaços, é uma oportunidade de amadurecer emocionalmente algumas questões surgidas durante a experiência no hospital, tais como o óbito de uma criança, o vínculo com outra criança que está em estado terminal, a transferência de função materna com as crianças sem acompanhante; e também ajudam a superar as dificuldades na relação com o poder hierarquizado que se organiza, por exemplo, entre os membros da equipe de Saúde.

Qualquer trabalho que envolva a criança acessa a própria infância do adulto. Este é provocado, muitas vezes inconscientemente, a entrar em contato com situações pessoais infantis e assim pode ficar sem recursos de ação quando surge uma situação problema no momento da atuação no hospital. Através das supervisões, é possível refletir sobre as situações vivenciadas nas relações com as crianças e seus familiares /acompanhantes, criando um espaço apropriado onde os estudantes possam expressar seus sentimentos e possíveis lembranças, com o objetivo de clarificá-las, trazê-las para consciência e assim poder elaborar novas soluções para o desenlace das situações experimentadas.

Além das supervisões, são ministrados dois mini-cursos, um sobre *A Psicologia do Desenvolvimento Infantil* e outro sobre *A Função do Brinquedo*, organizados de forma que o conteúdo possa ser dado em dois dias consecutivos numa prática intensiva totalizando 20 horas de trabalho. O primeiro curso é elaborado no sentido de suprir as necessidades de conhecimento e entendimento acerca do crescimento da criança, relacionando sua idade cronológica com seu comportamento emocional, visando à perspectiva de, em situação e enfermidade, este desenvolvimento se dar de forma imprevisível. São estudos importantes para que os estudantes de Teatro mergulhem no mundo do desenvolvimento psicológico das crianças, compreendendo cada fase e estruturando recursos de compreensão do quanto esta realidade afeta ou não o curso do desenvolvimento da criança hospitalizada e de como o humor e as relações com os palhaços podem ajudá-la.

De fato, a experiência no hospital demonstra que não há regras neste sentido. Não é toda criança que regride emocionalmente em razão do estresse da internação. Há casos em que acontece o contrário e ela tem um amadurecimento precoce e instintivo diante da proximidade da própria morte. Na verdade, entende-se que mesmo sem se aprofundar no estudo da psicologia do desenvolvimento infantil, é absolutamente necessário que o estudante que se capacita como palhaço de hospital conheça ao menos um vocabulário que possa usar para nomear suas impressões e que tenha noção de como se dá o crescimento infantil previsível, para poder ter parâmetros e fazer comparações que o auxiliem na relação com a criança. São temas que constituem o programa deste *mini-curso*: a relação entre o desenvolvimento motor e o desenvolvimento cognitivo nas fases de crescimento denominadas, oral, anal, fálica, de latência e genital; e a noção de simbiose e discriminação. A metodologia usada é a de aula-exposição com posterior esclarecimento de dúvidas.

No segundo *mini-curso*, o tema se particulariza na questão do uso do brinquedo. Aqui, entenda-se como brinquedo o próprio ato de brincar. Tomando como referência Winnicott (1975) e seus estudos e escritos sobre o brincar, e a partir dos exercícios com

os objetos do palhaço (bolas, apitos, chapéus, miniaturas de flores e de insetos de plástico, instrumentos musicais, malas e etc...) do curso prático, aproveita-se o estudo sobre o brinquedo e os jogos mais convencionais (bolas de sabão, amarelinha, esconde-esconde, língua de sogra e etc...) como meio de compreensão das forças que a brincadeira mobiliza na criança reforçando-a como um dos instrumentos de atuação do palhaço no hospital. Segundo Brasilda dos Santos Rocha (1998), os brinquedos servem como facilitadores de entrada no mundo da criança, sem que se interrompa seu circuito energético. Observa-se que certos brinquedos mobilizam determinadas energias, assim como existem jogos mais escolhidos em determinadas fases do desenvolvimento da criança. Para ela, a criança brinca para repetir situações agradáveis e também para elaborar as que foram dolorosas e desagradáveis. Através do brincar desloca seus medos e angústias. A brincadeira é uma forma de expressar o conflito da criança, seja no passado ou no presente. Cada brinquedo tem um tipo de energia e se localiza no corpo da criança. Deve-se associar a fase do desenvolvimento da personalidade, ao movimento, à carga, ao tônus, à pulsação energética da criança para introduzir, na brincadeira, um brinquedo que simbolize a mudança energética do corpo³.

Esse mini-curso se dá sob forma de vivência. Numa primeira parte desenvolve-se com os estudantes um trabalho sobre as sensações e os sentidos, seguido de um aquecimento físico que privilegia o alongamento do corpo e a respiração. Num segundo momento, todos brincam livremente com jogos e brinquedos espalhados pela sala. Ao fim da sessão, após discorrerem sobre suas impressões, os estudantes recebem orientação sobre a adequação de cada brinquedo a uma determinada faixa etária e sobre uma ou outra necessidade específica que precisa ser trabalhada em determinados comportamentos.

Por fim, há os *Seminários de Avaliação e Produção de Relatórios* dirigidos ao estudante em fase de Estágio no Hospital. A atuação no hospital é avaliada mensalmente pela coordenação do projeto de ensino, através de visitas de observação ao trabalho e da apreciação de relatórios produzidos pelos estudantes. Com a intenção de estender esta avaliação à equipe de Saúde de forma oficial ainda que de maneira informal, no Programa Enfermaria do Riso, o estudante freqüenta encontros de rotina dos serviços pediátricos dos hospitais e participa de oficinas de jogo cômico no hospital intituladas *O Riso na Saúde*, onde aproveita para recolher críticas e sugestões para o trabalho.

O Riso na Saúde é uma oficina oferecida pelo Programa Enfermaria do Riso à equipe de Saúde do hospital e aos estudantes de Enfermagem e Medicina, duas vezes por ano, no intuito de promover o entendimento dos princípios que regem a atuação do palhaço em hospitais de forma prática. Durante aproximadamente três horas, os estudantes de teatro se misturam ao grupo para vivenciarem juntos os exercícios de sensibilização e de improvisação. Também são previstos cursos extras, intensivos e de duração limitada, ministrados por artistas profissionais convidados, onde os estudantes fazem o exercício de outras técnicas cômicas e/ou outras formas de abordagem do jogo do palhaço;⁴ e uma palestra sobre *Higiene Hospitalar*, proferida por um profissional de Saúde do hospital universitário.

³ A listagem dos brinquedos e jogos e as possíveis utilizações na relação com a criança hospitalizada foi organizada em apostila distribuída aos estudantes pela psicóloga Cristina Martins Soares a partir das premissas de Brasilda Santos da Rocha.

⁴ Um exemplo de curso extra aconteceu durante o primeiro semestre de 2004, quando minha colega de Doutorado Joana Ribeiro da Silva Tavares, em estágio de docência I, ministrou para os enfermeiros-palhaços o curso *Preparação Corporal para o Corpo Clown*. Sua proposta foi a de trabalhar o reconhecimento do corpo *clown* por meio da investigação de elementos estruturais como o sistema ósseo, muscular e a pele, para abordar a distribuição do peso do corpo, os diferentes tipos de toque físico, o reconhecimento de padrões corporais, a postura, a dança.

Seminários de Avaliação sala 500 Escola de Teatro 2009



Palestra sobre Higiene Hospitalar Auditório da Pediatria/HUGG 2006



Supervisão Psicológica em consultório 2007



Mesmo que baseada numa prática realizada com um grupo particular de estudantes de teatro desenvolvida em circunstâncias específicas da academia universitária, produzindo resultados que são testados num determinado ambiente hospitalar; a intenção deste projeto de ensino é ampliar a experiência para que ela possa atingir também outros palhaços ou grupos de palhaços que se interessem em atuar em hospitais, hoje. Não se pretende fixar um modelo de formar o palhaço de hospital, mas dar exemplo de uma experiência de formação possível. De fato, neste caso, trata-se de uma experiência de especialização possível, pois todos os participantes já devem ter alguma formação em teatro e/ou circo.

3. Seleção

Geralmente, a cada ano, no início do período letivo, aproximadamente trinta estudantes se candidatam para participar do programa de extensão Enfermaria do Riso e, portanto, para seguir seus cursos de formação. Dessa forma, é absolutamente fundamental que haja um processo de seleção, já que cada curso oferece anualmente de dez a doze vagas do total de vinte completadas por estudantes já inscritos em anos anteriores, alguns em processo de entrada no hospital e outros já em ação no hospital.

Deste primeiro exame de seleção, constam duas aulas, de quatro tempos cada uma (aproximadamente três horas e meia de duração) onde se podem observar os candidatos. Os estudantes que já estão em formação também participam. Em cada encontro, são focalizados certos princípios em que o trabalho se baseia, e aos quais correspondem determinados exercícios que nortearão a seqüência aplicada nas diversas etapas do programa de capacitação. A estrutura de administração dos exercícios segue a mesma ordenação que será aplicada futuramente. Além das duas aulas, o candidato entrega uma carta de intenções onde expressa suas expectativas acerca da sua participação no programa e dependendo da necessidade, é entrevistado individualmente. Estes são os três procedimentos usados para selecionar os estudantes que seguirão a formação específica para o palhaço de hospital.

Os critérios em que se baseia a seleção dos estudantes se estabeleceram, gradativamente, a partir da descoberta de necessidades e de exigências do próprio trabalho no hospital. Algumas dessas necessidades objetivas e gerais apóiam-se no fato de a atuação dos palhaços nesse ambiente obedecer a certas leis do jogo teatral e da construção cênica, e se reger por princípios da psicologia inter-relacional e social. Outras necessidades percebidas são de ordem subjetiva e pessoal, como aquelas guiadas pelo instinto particular, e que gera as escolhas que o artista faz a todo o momento, quando em processo criativo. Assim, longe de serem critérios absolutos, fixos e rígidos; os parâmetros utilizados na seleção dos estudantes estão mais perto de ser interrogações que auxiliam na apreciação e no discernimento de características do candidato em exercício ou entrevistado. Kevin Kuhle, professor da *New York University*, propõe algumas dessas questões quando descreve a seleção para a entrada de alunos de teatro na universidade (2003: p.99):

[...] o jovem parece ser guiado por uma necessidade de criação artística? [...] ele está muito tenso? Ele é transparente? Entra em contato facilmente com suas emoções? Ele sabe tratar com dinamismo o material que traz? Ele dá a impressão de estar fazendo algo e não somente transmitindo informação? Ele tem espírito de aventura? O que ele fez na sua curta vida? Ele tem idéias sobre a arte e o teatro? Ele está bem preparado? Ele está na escuta daquilo que propõe? O que ele tem no corpo [...]?

Como neste caso o estudante está se candidatando à atuação de palhaço nas áreas pediátricas de hospitais, existem necessidades específicas da atividade que exigem certa preparação e maturidade pessoal que também se podem observar através da seleção: a possibilidade de dizer sim ao outro, mesmo que a situação se mostre difícil e o problema pareça não ter solução; a disponibilidade para tentar o contato com o outro quantas vezes forem necessárias; a percepção e o respeito à zona íntima (espaço vital) do outro; a facilidade de estar em relação com o outro. O foco da observação no exame de seleção é a atitude e a postura do estudante frente às propostas de jogos e improvisações, o seu modo de comportamento. Se ele obtém sucesso ou não na execução do exercício é secundário, neste primeiro momento.

Seguindo a pista de Ron Jenkins, no seu *Subversive Laugh* (1994: p. 9), de que o riso é a impressão digital da identidade de cada um, aquilo do que um sujeito acha graça acaba dizendo muito sobre ele. Desta forma, procura-se observar se o candidato tem, por exemplo, consciência daquilo que o faz rir, do que é engraçado pra ele; pois a sua capacidade de rir é também a sua força transgressora, libertária. Espera-se que o candidato possa ao mesmo tempo estar disponível e se rebelar; exibir sua força, demonstrando sua sensibilidade.

Na verdade, a seleção não se termina quando os estudantes são escolhidos. Ela continua se processando naturalmente, durante o período de formação na escola e de estágio no hospital. A cada final de semestre há uma avaliação em conjunto, após a qual alguns estudantes não seguem adiante no processo de treinamento. De fato, a seleção que decide a permanência no processo de capacitação é diária e constante, e se apresenta misturada à própria experiência em sala de aula. A dificuldade em transpor limitações técnicas e artísticas, ou em superar a própria imaturidade em relação às adversidades presentes na situação de enfermidade, geram, ao longo de todo o período de formação, afastamentos voluntários dos estudantes.

Por outro lado, existem aqueles que vivenciam verdadeiros processos de superação de frustrações individuais que afloram e vêm desabrochar em meio à descoberta de talentos particulares para a atuação cômica, para a relação com o outro, para a transgressão de regras e tabus, que compõem um entendimento holístico de si mesmo, definindo o palhaço, para além de uma linguagem, como um estado do seu próprio ser. Independente de serem aproveitados neste ou naquele programa de palhaços que atuam em hospitais, o casamento desses indivíduos com o ofício do palhaço se torna inevitável.

As principais justificativas que aparecem nas cartas de intenção, enviadas para pleitear uma vaga e/ou nas entrevistas cedidas por eles como complemento às aulas seleção, demonstram que os jovens estudantes de teatro têm um forte desejo de descobrir o hospital como um espaço de atuação artística. Não somente pela possibilidade de abertura de um novo mercado de atuação profissional, mas pela intuição do ganho pessoal e artístico que a atividade interdisciplinar traz para o exercício da sua arte.

Ainda durante o processo seletivo, se levantam questões que estão no cerne condutor das diretrizes que estruturam este projeto de ensino: existe um tipo de personalidade mais apropriada ao trabalho de palhaço no hospital? Há uma idade mínima ideal para viver essa experiência? O tempo de preparação necessário a um ou outro estudante/palhaço pode ser o mesmo? É possível aprender a atuar como palhaço no hospital?

Atuação dos estudantes como enfermeiros-palhaços no Hospital Universitário Gaffrée & Guinle (HUGG) 2009, Rio de Janeiro.



Atuação dos estudantes como enfermeiros-palhaços no Hospital da Lagoa 2009, Rio de Janeiro.



4 – Estágio no Hospital: Procedimentos de Entrada

Após o terceiro semestre de formação, inicia-se a etapa intitulada *Estágio no Hospital*, cuja duração deve ser de, aproximadamente, um ano letivo. É nesta atividade que o estudante/palhaço aplica todo o conhecimento adquirido nas etapas anteriores, além de continuar seguindo formação complementar para aprimoramento das suas competências.

A entrada no hospital se constitui, num primeiro momento, de duas ou três visitas de observação ao trabalho de palhaços que já estão em atuação no ambiente. O estudante segue geralmente uma dupla de palhaços pelas dependências pediátricas durante toda uma jornada, produzindo em seguida um relato da sua observação. Em seguida, numa única oportunidade, o estudante realiza uma visita ao hospital em dia que não há atuação dos palhaços. O reconhecimento do espaço e do ambiente hospitalar no seu cotidiano, sem a interferência do palhaço é essencial como parâmetro para a fundação, através da sua atuação e no momento apropriado, do lugar lúdico.

É necessário que o palhaço seja apresentado à equipe de Saúde do serviço pediátrico no qual atuará. Afinal de contas ele será mais um seu integrante. Esta apresentação se dá de forma variada, dependendo do programa de palhaços ao qual ele está ligado ou à organização hospitalar que o está recebendo. O importante é que o palhaço de hospital debutante não seja um desconhecido para a equipe de Saúde e que todos se sintam à vontade para se dirigirem uns aos outros diretamente como colegas de trabalho.⁵

O próximo passo é a intervenção propriamente. Nos primeiros dois meses, o novo palhaço atua em trio se juntando a uma dupla que já esteja em atuação há pelo menos um ano no hospital. Geralmente cada dupla inventa uma explicação lúdica para a presença do terceiro elemento: é um primo distante dos palhaços que chegou de muito longe e que não pode ficar sozinho em casa; o vizinho de um dos palhaços que estava se sentindo muito só hoje, um palhaço conhecido deles que está procurando emprego, enfim, o que importa é que de alguma forma a permanência desse novo palhaço possa ser preparada até que o estudante se sinta seguro para formar uma dupla que atue regularmente.

⁵Todos os anos, a equipe do Programa Enfermaria do Riso apresenta suas ações em reunião de rotina dos serviços pediátricos dos hospitais. Nesses encontros, onde estão presentes médicos, enfermeiros, estudantes internos e residentes, além de se esclarecerem dúvidas e procedimentos sobre o trabalho do enfermeiro-palhaço, abre-se espaço para que eles façam críticas e sugestões que incrementam o processo de avaliação. Nesta reunião, os estudantes em vias de atuar como enfermeiros-palhaços são apresentados para a equipe de Saúde e encerra-se, então, a fase preparatória da sua entrada no hospital.

De fato, a formação em trio ainda é um teste para o palhaço debutante que pode tanto indicar precocidade na sua entrada no hospital, como afirmar sua possibilidade de seguir no estágio. Esta avaliação deve se dar num conjunto de procedimentos tais como vista de observação da coordenação do programa ao qual ele está ligado, relatórios dos palhaços que formam o trio com ele, e o seu próprio relato individual de atividades. É importante que, na entrada no hospital, alguém se responsabilize pela avaliação do palhaço debutante conferindo mais segurança e qualidade ao seu trabalho.

Este sistema de introdução do palhaço no trabalho do hospital através do trio é utilizado nos programas *Le Rire Médecin* (França)⁶ e *Doutores da Alegria* (Brasil)⁷ e foi com base no sucesso da experiência deles que esta proposta se adequou ao programa de capacitação. No programa Enfermaria do Riso, além da atuação em trio, elege-se para cada estudante em início de estágio um padrinho que deve ser encontrado entre os enfermeiros-palhaços mais experientes. O padrinho é sempre um palhaço ao qual o afilhado pode reportar suas dúvidas e receios de uma maneira mais íntima. O padrinho deve orientar seu afilhado na elaboração da roupa de enfermeiro-palhaço, na investigação e aquisição de objetos para serem usados na atuação, assim como se ocupar de apresentá-lo à equipe de Saúde do hospital e lembrá-lo sobre os procedimentos de higiene hospitalar. À medida que o novo enfermeiro-palhaço vai se sentindo mais seguro nas suas novas atividades, o seu padrinho vai sendo gradualmente dispensado.

O aproveitamento do novo enfermeiro-palhaço é avaliado tomando como referência minhas visitas de observação e o relatório dos estudantes com os quais ele formou trio nos últimos dois meses. Nos últimos tempos, há uma disponibilidade para inclusão das observações de alguns componentes da equipe de Saúde no procedimento de avaliação do palhaço debutante. De fato, são eles que estão diariamente em contato com os palhaços e alguns por causa do tempo de serviço no hospital ainda têm referências anteriores das atuações de outros enfermeiros-palhaços que podem ser consideradas como parâmetros de avaliação.

Na verdade, a participação dos profissionais de Saúde no momento da entrada de um novo palhaço no hospital é uma oportuna ocasião para afirmação da qualidade cooperativa das relações que eles estabelecem em função da criança hospitalizada. O palhaço e o médico, e o enfermeiro, e o técnico de enfermagem, e o psicólogo, e o assistente social são colaboradores e promotores de uma mesma condição de bem-estar onde, mais que *curar* o outro, é o *cuidar* do outro e com o outro o que está em evidência.



Atuação dos estudantes como enfermeiros-palhaços no Hospital Gaffrée & Guinle 2005, Rio de Janeiro.

⁶ *Le Rire Medecin* é um programa de atuação de palhaços em hospitais franceses, existente há 20 anos e com o qual o programa de extensão Enfermaria do Riso desenvolve estreita colaboração.

⁷ Programa de atuação de palhaços profissionais em hospitais. Com atuações em São Paulo, Belo Horizonte e Recife, o *Doutores da Alegria* é, hoje, uma referência desse trabalho no Brasil.

5 – Formação, Vocação e Escolha

Para a avaliação dos resultados da experiência de formação do palhaço de hospital na UNIRIO acabaram conjugando-se três parâmetros: formação, vocação e escolha. Formação, no sentido amplo de conjunto de medidas e maneiras para a constituição de um conhecimento, não apenas procedimentos de aquisição de um saber, mas, sobretudo, ordenação de idéias e práticas na direção da profissionalização de um ofício. Vocação, considerado na perspectiva do sujeito da profissionalização. Pela vocação evidencia-se o indivíduo na pele do artista e verifica-se uma tendência, uma disposição, uma inclinação, ou não, para atuar como palhaço nos hospitais. A vocação para essa ação pode nascer naquele que está em formação, mas também pode estar ligada às experiências vividas anteriormente e ser algo que o sujeito já possui, mas ainda não sabe. O treinamento técnico pode revelar um talento, ou afastá-lo de vez. A vocação, então, como uma espécie de certificação interna e particular que torna possível para o indivíduo, por um conjunto de motivações, atuar como palhaço de hospital. Escolha, tratando-se do reconhecimento da equivalência entre opção e discernimento. Não apenas saber as diferenças e distinções do que está fazendo, mas saber que o que o sujeito está escolhendo é ao mesmo tempo um modo de viver a sua própria vida. A escolha é uma apropriação do ofício de palhaço com vistas a suprir as necessidades existenciais do próprio sujeito.

A formação se dá basicamente em três dimensões: o treinamento técnico das habilidades, a abordagem humanística dos aspectos relacionais, e a natureza artística da ação final. Numa primeira instância, prepara-se e habilita-se o estudante para o trabalho. Ele adquire técnicas: o exercício do corpo, da imaginação, da palavra, da experiência de uma determinada noção de espaço e tempo, do trabalho sobre uma nova visão da realidade, do estudo do cômico. Mas o treinamento técnico não é suficiente se a formação não adquire o contorno humanista necessário para despertar no estudante qualidades relacionais que assegurem seu contato com o outro. Para isto é preciso garantir, de alguma maneira, que ele possa compreender os mecanismos do desenvolvimento infantil, do seu próprio envolvimento e amadurecimento emocional, e que ele tenha acesso à orientação psicológica regular. A opção pela figura do palhaço, como agente da ação no hospital, dá à formação uma qualidade artística. A concretização da visão de realidade que o palhaço propõe através da sua ação, seja ela cômica, poética, ou musical, acaba forçando a abrangência da proposta de formação para além dos limites terapêuticos. A arte tem papel fundamental nos processos de recuperação psíquica e/ou física, principalmente porque aciona processos criativos carregados de uma liberdade interior inexplicável e com enorme poder de transformação da realidade exterior. A ação do palhaço no hospital pode ter função terapêutica, pois veicula a experiência do humor e do riso em ambientes e situações de tensão e risco, mas é fundamental que se conserve a sua característica essencialmente artística no intuito de respaldar a presença libertária, revolucionária e transgressora, de sua figura transformadora.

A maior parte dos estudantes que participaram da experiência do projeto de ensino é de jovens, com idades entre 18 e 24 anos, que, não obstante o desejo de participar e de vivenciar esta experiência artística em ambiente hospitalar, muitas vezes não demonstram ainda maturidade para fazê-lo. O desenvolvimento do palhaço como uma linguagem está intimamente ligado ao processo de crescimento pessoal. A capacidade de elaborar as emoções que dele advém para transformá-los em experiências de auto-conhecimento e amadurecimento acontece de maneira diversa em cada um. Principalmente quando o trabalho em grupo se passa satisfatoriamente, cada indivíduo

pode se destacar, revelando o nível do seu conhecimento, a abrangência do seu imaginário e a presença do seu humor.

A ação do palhaço de hospital é audaciosa, arriscada e difícil; porque para que ele atinja seus objetivos é preciso que ele se coloque próximo ao seu público e nesse sentido, que ele esteja intimamente bem disponível para o contato com o outro. Ao mesmo tempo em que é necessária a proximidade, o palhaço é uma máscara e precisa tomar certa distância para não se misturar às figuras cotidianas, para não se tornar familiar; e conservar a característica de ser fora do comum. A formação é indispensável porque possibilita ao estudante / palhaço fazer o exercício de se aproximar e de se distanciar sem perder a qualidade artística da forma e do conteúdo de sua ação.

Observando a atuação dos palhaços em hospitais testemunha-se com grande evidência esse paradoxo. Inúmeras situações confirmam a necessidade da maturidade pessoal do artista, da sua preparação técnica e artística para que seja possível sustentar as atuações regulares. Esse compromisso é o segredo na manutenção da regularidade da ação, critério imprescindível para o bom funcionamento do trabalho. Nessa perspectiva, atuar como palhaço no hospital é, antes de tudo, uma missão. É preciso que cada um dos estudantes que passe pela capacitação proposta, no momento do estágio no hospital, possa reconhecer sua vocação e sua disposição para ela.

É na chegada ao hospital que se opera também o deslocamento de foco da atenção da ação que, antes totalmente centrado no artista, passa agora a ser localizado na criança. No palco, no picadeiro, o palhaço é o centro das atenções, e o riso depende da sua *performance* ridícula. No hospital, embora ele ainda seja o instrumento do risível, é a criança, ou o profissional de Saúde, ou ainda o acompanhante, a razão de sua presença e de sua existência.

Nesse sentido, a escolha do ofício de atuar em hospitais é mais uma provação para o estudante de teatro, acostumado, como todo aquele que se exhibe, ao reforço egóico que a exibição proporciona. É preciso que ele transfira o alvo dessa satisfação para a relação com o outro, para o jogo entre ele e a criança, pois é a partir do que se constrói com o outro que se fortalecem a individualidade e a arte do palhaço. Quando o estudante/palhaço pode vivenciar, sem medo nem recalques, essa experiência construtiva do seu próprio ser, a escolha de atuar no hospital torna-se evidente e inevitável.



Atuação dos estudantes como enfermeiros-palhaços no Instituto Fernandes Figueira, 2007, Rio de Janeiro.

6 - Bibliografia

BOLOGNESI, M. *Palhaços*. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.

BOCA LARGA: Caderno dos Doutores da Alegria, n. 2. São Paulo: Doutores da Alegria, 2006.

BROOK, Peter. *A porta aberta*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

BURNIER, L. O Clown e a Improvisação Codificada. In: ____ *O A Arte de Ator – da Técnica à Representação*, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

JENKINS, Ron. *Subversive Laughter – The Liberation Power of Comedy*. Nova York: New Press, 1994.

KUHLE, Kevin. Apprendre à profiter de l'inattendu in *L'École du Jeu* org. Josette Feral, Saint-Jean-de-Vedas: L'Entretiens Éditions, 2003. p.98-103.

LECOQ, J. *Le Corps Poétique*. Paris: Actes Sud, 1997.

ROCHA, Brasilda dos Santos. *Brinkando com o corpo*. São Paulo: Unoeste, 1998.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.